

**Mídias, mediações, *mediascapes*:
comunicação nas dinâmicas globais da cultura**

Mariana de Toledo Marchesi¹

Livia Silva de Souza²

Beatriz Redko³

Resumo: O presente trabalho se propõe a delinear um percurso teórico entre três importantes pensadores da cultura e da mídia no contexto da globalização: Jesus Martín Barbero, Marshall McLuhan e Arjun Appadurai. Tal percurso terá como principais pontos de passagem: 1) O conceito de mediação em Barbero (1997), apontando para a comunicação e para os media como inerentes aos processos de produção de sentido e diferença cultural das culturas contemporâneas; 2) a concepção de mídia para McLuhan (1972), entendida como meio de forma extensiva e não instrumental, constituinte da nossa própria ecologia cognitiva; 3) O conceito de mediascape, de Appadurai (1996), identificado como um dos fluxos disjuntivos fundamentais para entender as dinâmicas globais de transformação e reprodução cultural. O diálogo entre estes autores indica um caminho fértil para a investigação das relações entre comunicação e cultura num mundo globalizado e crescentemente digitalizado. O objetivo deste trabalho é explorar seus pontos de contato, esboçando os primeiros contornos de um mapa que permita navegar entre fronteiras epistemológicas cada vez mais imprecisas.

Palavras-chave: Cultura, globalização, mídia, mediações, mediascapes

Abstract: This paper proposes a theoretical approach to delineate three important thinkers of culture and media in the context of globalization: Jesus Martín Barbero, Marshall McLuhan and Arjun Appadurai. Such a course will have as main crossing points: 1) The concept of mediation in Barbero (1997), pointing to the communication and the media as inherent to the processes of production of meaning and cultural differences of contemporary cultures; 2) The conception of media to McLuhan (1972), understood extensively as a medium and not instrumental, constitutive of our own cognitive ecology; 3) The concept of mediascape of Appadurai (1996), identified as one of the disjunctive flows which are essential to understand the global dynamics of transformation and cultural reproduction. The dialogue between these authors indicates a fertile path for the investigation of the relationship between communication and culture in a globalized and increasingly digitalized world. The aim of this paper is to explore their points of contact, outlining the first a map that allows navigation between epistemological boundaries increasingly blurred.

Keywords: culture, globalization, media, mediations, mediascapes.

Introdução

O presente trabalho se propõe a delinear um percurso teórico entre três importantes pensadores da cultura e da mídia no contexto da globalização e dos meios de comunicação de massa: Jesus Martín Barbero, Marshall McLuhan e Arjun Appadurai.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Centro de Pesquisa Atopos. Email: nanamarchesi@usp.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Membro da ABP2; Pesquisadora do GESC3. E-mail: livia.eca@usp.br

³ Master in Applied Science, Universidade de Toronto, Canadá; Pesquisadora do Centro de Pesquisas Atopos www.atopos.usp.br

Tal percurso terá como principais pontos de passagem: 1) O conceito de mediação em Barbero (1997), apontando para a comunicação e para os *media* como inerentes aos processos de produção de sentido e diferença cultural das culturas contemporâneas; 2) A concepção de mídia para McLuhan (1972), entendida como meio de forma extensiva e não instrumental, ou seja, constituinte da nossa própria ecologia cognitiva e não restrita aos fenômenos mais recentes de mídia de massa; 3) O conceito de *mediascape*, de Appadurai (1996), identificado pelo autor como um dos fluxos disjuntivos fundamentais para entender as dinâmicas globais de transformação e reprodução cultural, sendo também uma das chaves para acompanhar os movimentos do imaginário.

As *mediascapes* - paisagens midiáticas - são hoje essenciais para a produção de imaginários e de comunidades imaginadas desterritorializadas ao redor do globo (APPADURAI, 1996). De que maneira isso se relaciona com as tecnologias midiáticas que fazem parte nossa ecologia sensorial, moldando portanto nossa percepção (MCLUHAN, 1972)? E como podemos, então, pensar os processos culturais de significação, levando em conta as mediações (BARBERO, 1997) dessas paisagens tecno-midiáticas-cognitivas?

O diálogo entre os aportes teóricos destes autores indica um caminho fértil para a investigação das relações entre comunicação e cultura, não só num mundo globalizado, mas também crescentemente digitalizado. O objetivo deste trabalho é explorar seus pontos de contato, esboçando os primeiros contornos de um mapa que permita navegar entre fronteiras epistemológicas cada vez mais imprecisas.

O conceito de mediação em Barbero: comunicação, *media* e cultura popular

Barbero define os homens da América Latina como os habitantes de uma choça-favela, feita de pau-a-pique mas com transmissores de rádio e antenas de televisão. O foco principal de seu trabalho é a mediação na vida cultural das populações da região.

Chama de mediação de massa o conjunto dos dispositivos de produção e os rituais de consumo, seus aparatos tecnológicos e suas espetaculares encenações, códigos de montagem, de percepção e de reconhecimento.

Inicialmente preocupado com a questão da manipulação e a relação entre discurso e poder, Barbero toma consciência do desencontro existente na América Latina: “tudo aquilo que, do modo que as pessoas produzem o sentido de sua vida e como se comunicam e usam os meios, não cabia no esquema” (BARBERO: 1997, 27).

Verificou a mestiçagem existente na trama da modernidade local, nas descontinuidades culturais, das deformações sociais, estruturas de crescimento, memórias e imaginários que misturam não só as raças mas o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo.

Para Barbero, na América Latina a comunicação tornou-se uma questão de mediações mais do que de meios, uma questão de cultura. Passou a estudar o processo de comunicação do outro lado, o da recepção, das resistências que aí acontecem e da apropriação. A diferença cultural nesse contexto não significa dissidência cultural ou tampouco corresponde ao exótico preservado em museus, mas diz respeito a uma cultura popular vigente, densa e plural, lugar de um profundo conflito e de grande dinâmica. O popular não existe apenas nas culturas indígenas e camponesas, mas sim na trama das mestiçagens e deformações do meio urbano e das massas. Aqui as massas controlam e ao mesmo tempo trazem o povo dentro delas.

O autor aponta que a mestiçagem na América Latina não é algo passado, mas fato social, razão de ser, tecido de temporalidade e de espaços, memórias e imaginários. A mestiçagem passou de objeto a sujeito e está falando, de uma maneira toda própria.

Com o advento do turismo o sentido do artesanato e das festas muda, praticamente se profissionalizam para ‘étnicos e típicos’, para os turistas, e provoca um esmaecimento na memória da comunidade. O artesão que tem que assinar o seu nome em uma peça se separa da comunidade. Os modos de produzir são convertidos em veículos mediadores da desagregação: há deslocamento das relações entre os objetos e os seus usos, tempos e práticas.

A tendência é pensar o índio como primitivo, um outro e o popular urbano é ignorado, sem existência cultural. Popular evoca camponês, politicamente imaturo. Surpresa foi quando o cinema começou a atrair fortemente as classes populares e foi considerado arte sem interesse estético pelos puristas.

É a partir dos anos 1960 que o raio de influência da indústria cultural será cada vez mais abrangente na cultura popular urbana latinoamericana, transpondo modelos na maioria de origem transnacional. A televisão fica no centro na nova dinâmica popular, no papel de grande interlocutora. O país é unificado todo em uma fala que erradica as entonações regionais, exceto para fazer folclore. No entanto, o consumo cultural não significa, para Barbero, mera assimilação passiva.

A natureza indolente e supersticiosa maneira e o método como as coletividades sem poder político nem representação social assimilam as ofertas a seu alcance,

sexualizam o melodrama, divertem-se e comovem-se sem se transformar ideologicamente, persistem na rebeldia política a cabo de uma impressionante campanha despolitizadora, vivificam, a seu modo, a cotidianidade e as tradições, convertendo as carências em técnica identificatória. (BARBERO: 1997, 271)

A música é outro fator fundamental do popular urbano. Essa música não é construída pelo abandono do autêntico, mas sim por mestiçagem, deformação profanatória. Ela causa repulsa, condenação e desprezo tanto da direita quanto da esquerda que cultivam autenticidades.

Emerge na América Latina uma valorização nova do cultural. Verifica-se que o cultural assinala a percepção de dimensões inéditas do conflito social, a formação de novos sujeitos, regionais, religiosos, sexuais, geracionais, e a formas de rebeldia e de resistência.

Pensar os processos de comunicação nesse sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-lo a partir de disciplinas e sobretudo a partir dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da computação a das tecnologias.

Graças à dinâmica de escolarização e a da comunicação de massa, a cultura colocou-se no centro do cenário político e social. Não se pode mais separar a cultura do que acontece nas massas, na indústria e nos meios massivos de comunicação. “O que acontece culturalmente com as massas é fundamental para a democracia, se é que a democracia tem algo a ver com o povo” (Id., *ibidem*, 289).

McLuhan e os meios como extensões dos sentidos

Este ano (2011), presenciamos uma série de eventos comemorativos do centenário de um dos principais teóricos da comunicação, Marshall McLuhan. Tais eventos tem por objetivo rediscutir a atualidade de suas ideias, apontando direções para atuais e futuros estudos das mídias e da cultura contemporânea.

No Brasil, com o objetivo de contribuir com as discussões promovidas ao redor do mundo, considerando-se a perspectiva da recepção brasileira à obra de McLuhan, foi realizado o evento “O Século McLuhan”⁴, promovido pelo Centro de Pesquisa Atopos, organizado em torno de mesas temáticas de debates, cada uma delas inspiradas por uma frase emblemática do autor. Esta forma de organização assemelha-se ao que propõe

⁴ Para conhecer outros detalhes do evento, acessar: <http://www.atopos.usp.br/mcluhan/>

McLuhan em sua “A Galáxia de Gutenberg” (1972), em forma de mosaico de afirmações e citações que apresentam e comprovam as ideias do autor.

Para este estudo em particular, serve-nos a constatação de que a obra de McLuhan, além de marcante em sua época, permanece geradora de debates e discussões no sentido de nos ajudar a compreender o desenvolvimento das mídias no contexto atual da globalização e da era eletrônica, e de que maneira, segundo o autor, elas devem ser compreendidas.

Tomando como base “A Galáxia de Gutenberg” (1972), buscaremos mostrar outro momento de transição, anterior à atual, a saber, a passagem de uma cultura baseada na tradição oral para a cultura letrada, pós-Gutenberg. Isto nos ajudará a perceber de que maneira a mídia transcende questão do suporte ou veículo da mensagem, passando a formadora da nossa própria cognição, ao participar do próprio molde dos nossos sentidos e a prevalência de um sobre o outro.

Já na introdução, destacamos uma afirmação que irá permear todo o texto: “Qualquer nova tecnologia de transporte ou comunicação tende a criar seu respectivo meio ambiente humano” (MCLUHAN: 1972, 15). Assim, uma nova tecnologia de comunicação, uma nova mídia, não deve ser percebida apenas como um suporte ou veículo, mas sim como propiciadora de uma nova forma de cognição no homem.

Ao entender a contemporaneidade como uma transição para uma nova era, a eletrônica, McLuhan descreve e analisa passagens de eras anteriores, com suas respectivas formas de experiência e cognição modificadas, a saber, a do alfabeto fonético e a da impressão tipográfica. E afirma:

Na era eletrônica que sucede à era tipográfica e mecânica dos últimos quinhentos anos encontramos, com efeito, novos modelos e estruturas na interdependência humana e de expressão que são “orais” na forma, mesmo quando os componentes da situação sejam possivelmente não-verbais. (MCLUHAN: 1972, 19)

Assim McLuhan vê na contemporânea era eletrônica uma volta aos modelos orais de expressão e experiência, e para demonstrar tais afirmações discorre sobre os períodos anteriores.

Para o autor, cada era, baseada em um novo tipo de tecnologia, tende a ver suprimido ou exacerbado um dos sentidos humanos:

O homem – *homo faber*, o homem criador de instrumentos – quer na fala, quer na escrita, quer no rádio, há muito vem-se empenhando em atender um ou outro de seus órgãos dos sentidos a ponto de perturbar todos os seus outros sentidos e faculdades. (...) A busca irreprimível por um “encerramento”, por uma “completação”, ou por

um novo equilíbrio, processa-se tanto pela supressão como pela extensão do próprio sentido ou função humanos. (MCLUHAN: 1972, 20-21)

Tal exteriorização dos sentidos é entendida por McLuhan como nada menos que a linguagem, que tornou e torna possível ao homem acumular e transmitir conhecimento e experiência.

Este princípio da linguagem como sendo fruto de nosso poder de traduzir nossos sentidos um pelo outro opera-se o tempo todo a partir de prolongamentos ou extensões de nossos sentidos. Porém, o preço que se paga por isso vem do fato de que, se por um lado nossos sentidos se apresentam como sistemas abertos e que, originalmente, se relacionam entre si, por outro lado, tais prolongamentos ou extensões de nossos sentidos – tais como tecnologias e instrumentos – constituem sistemas fechados, e se caracterizam pela supremacia de apenas um dos sentidos, diminuindo os demais.

Entende-se, então, a relação entre as tecnologias e a cognição e as relações humanas. Se, por um lado, em uma era mecânica, as tecnologias funcionavam como um prolongamento do nosso corpo físico, na atual era eletrônica elas funcionam como um prolongamento de nosso próprio sistema nervoso central, sem relações de linearidade e de causa e consequência, mas sim por meio de pulsações, sobreposições e simultaneidade.

Assim, McLuhan demonstra que a cada passagem de uma era para outra existe um período de crise, uma vez que se dá a transição da predominância de um sentido para outro. Pensemos, por exemplo, na passagem das sociedades tribais, orais e auditivas, para uma situação de alfabetização e o consequente “treinamento” da visão, que deve se tornar o sentido que guiará as formas de cognição, levando futuramente a uma sociedade guiada por uma noção cartesiana de linearidade do tempo e espaço. Pensemos, agora, assim como defende o autor, que na era atual, a eletrônica, vemos a crise justamente destes valores de linearidade cartesiana, ocasionada pela possibilidade da simultaneidade, potencializada pelos meios eletrônicos, acompanhada pela ascensão dos sentidos auditivo e tátil.

Por outro lado, o fato de serem as sociedades fechadas o produto de tecnologias da fala, ou linguagem oral, do tambor e da audição, prenuncia, neste início da idade eletrônica, o englobamento da família humana inteira numa só tribo mundial. E essa revolução eletrônica é apenas um pouco menos perturbadora e desconcertantes para os homens das sociedades abertas do que o fôra a revolução da alfabetização fonética para as antigas sociedades tribais ou fechadas, por essa mesma revolução transformadas e remodeladas em suas atuais linhas aerodinâmicas. (MCLUHANN: 1972, 26)

Para demonstrar as relações que se operam em um momento de transição a que se refere, McLuhan traz a obra de William Shakespeare, “Rei Lear”, aqui definida como “a única peça de perspectiva tridimensional verbal em qualquer literatura” (p. 37). Ao narrar a história de Shakespeare, transcrevendo algumas passagens-chave, McLuhan demonstra como, na genialidade desta obra, Shakespeare problematiza a crise nos tempos da transição para uma sociedade eminentemente visual. “*Rei Lear* dá-nos uma demonstração completa dos que era sentir-se e viver ao longo da mudança do tempo e espaço medievais para o da Renascença, de um sentido inclusivo para um sentido exclusivo do mundo” (p. 36)

A demonstração desta ideia de isolamento de sentidos, propiciada sempre pela preponderância de uma determinada tecnologia de comunicação, prossegue com a apresentação de estudos comparativos entre as sociedades letradas europeias e sociedades analfabetas africanas. Enquanto que nestas últimas o sentido da audição domina a experiência dos indivíduos, naquelas o sentido da visão é absurdamente treinado e domina os demais sentidos.

Somente o alfabeto fonético estabelece uma cisão entre a visão e a audição, entre o significado semântico e o código visual; e, portanto, somente a escrita fonética tem o poder de trasladar o homem da esfera tribal para a esfera civilizada, isto é, substituir-lhe o ouvido pela vista. (MCLUHAN: 1972, 52)

O que acontece hoje é um novo período de transição, assinalado por McLuhan. Se, por um lado, a tecnologia da eletricidade propicia uma nova era do simultâneo, do não-linear, de uma consciência em escala global, chamando-nos de volta a um mundo auditivo, como numa tribo, mas desta vez, já que em escala global, uma tribo ou aldeia global, por outro lado a nossa tradição de alfabetização permanece e se arrasta em nossa forma de ver e capturar o mundo. Esta revolução eletrônica nos leva por um período de transição e crise assim como experimentaram os homens na passagem para a cultura de Gutenberg. Vivemos em um retorno aos modos de cognição propiciados pelo sentido da audição, uma vez que a cada nova tecnologia de prolongamento do homem surgem novas formas de interação com o mundo.

A invenção do alfabeto, à semelhança da invenção da roda, foi a primeira tradução ou redução de um complexo e orgânico intercâmbio de espaços num único espaço. O alfabeto fonético reduziu o uso simultâneo de todos os sentidos, que é a expressão oral, a um simples código visual. Hoje, pode-se efetuar essa espécie de translação numa ou noutra direção, através de uma variedade de formas espaciais, as quais chamamos de “media” ou “meios de comunicação”. (MCLUHAN: 1972, 76)

Assim, em particular sobre os meios de comunicação, o autor defende que a cada um desses meios, com suas formas particulares, correspondem em nossos sentidos certas formas de interação. Reside aí, por exemplo, a diferença entre a audiência do cinema e a audiência da televisão: esta, com contornos tácteis, como uma escultura, faz de nós tela; aquele, traduz nossos olhos como câmera, e presta-se à narrativa, ao contrário da TV (p. 68).

Temos, portanto, em McLuhan, as tecnologias em geral, e em particular os meios de comunicação, como extensões dos nossos próprios sentidos, e criadores de todo um ambiente, uma ecologia cognitiva que adapta nossos modos de interação com o outro e com o mundo, a partir da preponderância de um sentido e supressão dos demais.

Fluxos globais e a mídia nas dinâmicas culturais: as *scapes* de Appadurai

Deteremo-nos por um momento sobre as idéias do antropólogo indiano Arjun Appadurai, estudioso da globalização no mundo moderno. Na obra “Modernity at Large” (1996) o autor apresenta um modelo explicativo bastante inovador para tentar entender como se comportam os “fluxos globais” que influenciam as dinâmicas culturais na atualidade.

Os intercâmbios entre culturas não são uma novidade de nossa época como alertam rapidamente alguns críticos do transnacionalismo⁵. Contudo, Appadurai (Ibid.) procura destacar algumas peculiaridades que fazem dos fluxos globais de nossa época um fenômeno exclusivo. Os movimentos de pessoas, coisas e ideias ao redor do globo sempre existiram, no entanto em escala, velocidade e frequência muito menores. Eram normalmente associados a movimentos religiosos e ao comércio. “Onde transações culturais foram mantidas ao longo de grandes partes do globo, elas geralmente envolveram viagens de longa distância de mercadorias (e os mercadores preocupados com elas) e de viajantes e exploradores de todo tipo”. (Id., *ibid.*, p. 27)

Nos séculos passados, as negociações culturais entre grupos espacialmente distantes envolveram “(...) grandes custos e foram mantidos ao longo do tempo com grandes esforços”. (Id., *ibid.*, p. 28) O autor dá notável reconhecimento ao papel da tecnologia em criar as condições para que os fluxos globais tomassem uma dimensão

⁵ Para uma discussão mais aprofundada sobre a questão, ver: MATORY, J. L. Jeje: repensando nações e transnacionalismo. *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1, p. 57-80, 1999

inédita. “Com o advento do navio a vapor, o automóvel, o avião, a câmera, o computador e o telefone, nós entramos todos juntos em uma nova condição de vizinhança mesmo com aqueles mais distantes de nós”. (Id., *ibid.*, p. 29)

Appadurai utiliza o termo “economia cultural global” (Ibid., p. 32) para descrever o complexo quadro de circulações e encontros culturais no mundo globalizado, um quadro que requer modelos explicativos que vão além das categorias marxistas tradicionais. “A nova economia cultural global tem de ser vista como uma complexa, sobreposta, disjuntiva ordem que não pode mais ser entendida em termos dos modelos centro-periferia existentes”. (Ibid., p. 32)

O modelo proposto por Appadurai baseia-se, de um lado, na pressuposição de uma disjunção fundamental (Ibid., p. 33) - ou seja, desencontro, desalinhamento - entre os planos político, econômico e cultural. De outro lado, temos uma metáfora explicativa que centra na paisagem (*landscape*) sua figura principal.

Com base na figura da paisagem, Appadurai nomeia as cinco dimensões dos fluxos culturais globais – *ethnoscapes* (paisagens étnicas e populacionais), *mediascapes* (paisagens midiáticas), *technoscapes* (paisagens tecnológicas), *financescapes* (paisagens do capital e das finanças) e *ideoscapes* (paisagens ideológicas).

Cada uma destas paisagens tem influência sobre as outras e é capaz de alterar os movimentos dos fluxos; no entanto, "os fluxos são disjuntivos porque “(...) cada uma dessas paisagens está sujeita às suas próprias restrições e incentivos”. (Id., *ibid.*, p. 35) Essas disjunções crescentes e constantes são fundamentais para o modelamento dos fluxos globais e, portanto, têm importantes consequências para a cultura.

A nós, interessarão particularmente as *mediascapes*, que também na obra de Appadurai ganham relevância. Para Appadurai,

Mediascapes se referem tanto à distribuição das capacidades eletrônicas de produzir e disseminar imagens (jornais, revistas, estações de TV e estúdios cinematográficos) (...) quanto às imagens do mundo produzida por essas mídias. (...) elas provêm (...) repertórios de imagens, narrativas e *ethnoscapes* para espectadores pelo mundo todo nas quais o mundo das mercadorias e o mundo das notícias e política estão profundamente misturados. (Ibid., p. 35)

Esta ideia dialoga diretamente com o fenômeno da multiplicação das imagens de mundo pelos *mass media* (VATTIMO, 1992) e também com os meios de comunicação eletrônicos de McLuhan, uma vez que é ao ambiente composto por esses meios que o conceito de *mediascape* se refere. No entanto, Appadurai parece querer ir além da "aldeia global" de McLuhan:

Nós estamos conscientes de que com a mídia, cada vez que somos tentados a falar sobre "aldeia global", nós precisamos nos lembrar que a mídia cria comunidades 'sem senso de lugar' (Meyrowitz 1985). O mundo em que vivemos atualmente parece rizômico (Deleuze e Guattari 1987). (APPADURAI, 1996, p. 29)

Embora o conceito McLuhaniano se refira mais ao surgimento de uma sensibilidade global baseada na simultaneidade do que à instauração de um estado de harmonia tribal em nível global, Appadurai procura se defender de qualquer mal entendido que esse conceito possa causar, e busca problematizar as dinâmicas das culturas, ressaltando as transformações no sentido da localidade e aproximando-se do rizoma de Deleuze e Guattari (1995), multiplicidade sem unidade. De fato, as *scapes* sugeridas pelo autor se aproximam bastante da ideia deleuziana de "platôs" - estratos independentes e, ao mesmo tempo, inter-relacionados. "Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs. (...) Chamamos 'platô' toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma". (Id., *ibid.*, p. 33) Mas essa não é a única relação entre o rizoma e as *scapes*; se tomamos por um momento o rizoma como uma cartografia do desejo, será possível verificar que as *mediascapes* são, no mundo contemporâneo, os ventos que traçam os caminhos nesse mapa. "(...) Elas ajudam a constituir narrativas do Outro e protonarrativas de vidas possíveis". (APPADURAI, 1996, p. 36) As *mediascapes* impulsionam o desejo em direção ao outro e à alteridade, por meio da imaginação.

Imaginário e imaginação como prática social

"(...) Está na impressão, na palavra impressa o critério de 'realidade'. Schramm admite que os meios de comunicação, fora os da palavra impressa, são meios de 'imaginação' ou 'fantasia'". (MCLUHAN 1972, p. 203) Consolidada durante alguns séculos de letramento e racionalismo, a realidade fixada pela palavra escrita começa novamente a perder seu lugar no fundamento da sociedade para as imagens e o imaginário que fluem de maneira acelerada pelas mídias eletrônicas.

Assim como sugere McLuhan, também para Appadurai as *mediascapes* são, por excelência, o lugar da imaginação coletiva, à medida que esta ganha cada vez mais importância sobre a realidade na determinação dos fluxos globais. "(...) As vidas ordinárias hoje são mais frequentemente alimentadas não pela disponibilidade das

coisas, mas pelas possibilidades que a mídia (direta ou indiretamente) sugere que estão disponíveis”. (APPADURAI, 1996, p. 55)

A imaginação não é um dado, prática ou fenômeno novo pertencente ao mundo contemporâneo. A novidade a seu respeito é justamente a importância que adquire no cenário global. Torna-se prática social, forma de trabalho e de agência.

A imagem, o imaginado, o imaginário - esses são todos termos que nos direcionam para algo crítico e novo nos processos culturais globais: a imaginação como prática social. (...) A imaginação é agora central para todas as formas de agência, é em si mesma um fato social, e é o componente chave na nova ordem global. (Id., Ibid., p. 31)

Esta ligação intrínseca entre mídia de massa e imaginação já havia sido antecipada por Morin (apud BARBERO, 1997) em sua concepção da cultura de massa como mediação:

A impotência política e o anonimato social em que se consome a maioria dos homens reclama, exige esse suplemento-complemento, ou seja, uma razão maior de imaginário no cotidiano para poder viver. Eis aí, segundo Morin, a verdadeira mediação, a função de meio que cumpre dia a dia a cultura de massa: a comunicação do real com o imaginário. (BARBERO, 1997, p. 91)

Morin atribui o papel-chave desempenhado pela imaginação a algumas faltas causadas ao indivíduo pela sociedade de massa (na concepção frankfurtiana) e que precisam ser supridas ou ao menos aliviadas pela imaginação. Appadurai, no entanto, relaciona a importância do imaginário à desterritorialização crescente de grupos que cada vez mais vivem em uma situação de "*displacement*" (deslocamento) e cada vez menos têm como âncora cultural o território e a localidade. "A ligação entre a imaginação e a vida social, eu sugeriria, é crescentemente global e desterritorializada". (APPADURAI, 1996, p. 55)

Esta ligação pode se dar somente no plano das *mediascapes*, novo terreno em que se criam os "mundos imaginados", "múltiplos mundos constituídos pelas imaginações historicamente situadas de pessoas e grupos espalhados pelo globo". (Id., ibid., p. 33) Os fluxos globais e as transformações culturais na contemporaneidade devem necessariamente levar em conta os mecanismos para "embutir realidades de larga escala em mundos-de-vida concretos". (Ibid., p. 55)

Mediascapes e ideoscapes: o lugar da mediação

Embora todas as *scapes* de Appadurai (Ibid.) estejam disjuntivamente relacionadas, destacaremos a fina articulação entre duas delas – as *mediascapes* e as *ideoscapes* – a fim de fazer um paralelo com o conceito de mediações de Barbero. As *ideoscapes* “(...) também são concatenações de imagens, mas elas são muitas vezes diretamente políticas e frequentemente têm a ver com as ideologias dos estados e as contra-ideologias dos movimentos”. (Ibid., p. 36) São, por assim dizer, paisagens ideológicas e de valores cujas formações e dinâmicas dependem diretamente das traduções e interpretações dos “mundos imaginados” das *mediascapes*.

Para Appadurai, há uma série de convenções contextuais que mediam as traduções das *ideoscapes* para as diversas audiências pelo globo. Aqui, as pesquisas do antropólogo indiano e de Jesus Martin Barbero se encontram: Barbero (1997) dedica-se a investigar a articulação entre cultura de massa e cultura popular; o conceito de cultura de massa, para o estudioso, aproxima-se muito dos fluxos de imagens que modelam as *mediascapes*. “Estamos descobrindo nestes últimos anos que o popular não fala unicamente a partir das culturas indígenas e compositas, mas também a partir da trama espessa das mestiçagens e das deformações do urbano, do massivo”. (Ibid., p. 28)

O questionamento do autor ataca as bases do pensamento tradicional sobre os meios de comunicação de massa, fundadas a partir do funcionalismo e da Escola de Frankfurt, que vêem a relação entre os meios de comunicação de massa e os receptores – a massa em si – como uma relação assimétrica de poder, em que os segundos aceitam sem resistência os conteúdos veiculados pelos primeiros. O conceito de mediações de Barbero recupera justamente a autonomia e o caráter ativo da audiência no fenômeno da recepção, bem como devolve à massa o direito à cultura popular: purificada pelos frankfurtianos, a cultura popular passou a ser identificada como folclore, enquanto aquilo que circulava entre a massa pela via dos meios de comunicação não passava de conteúdo alienado e alienante. Barbero demonstrará a artificialidade desta divisão, uma vez que a cultura popular e de massa estabelecem uma relação de tradução, hibridação e retroalimentação. Denominando mediações “os dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade” (BARBERO: 1997, 265), o autor complexifica as relações entre hegemônico e subalterno, a partir da operação sutil das mediações. É preciso

(...) prestar atenção à trama: que nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não o é de resistência, e que nem tudo que vem 'de cima' são valores da classe dominante, pois há coisas que,

vindo de lá, respondem a outras lógicas que não são as da dominação. (Id., *ibid.*, p. 114)

As dinâmicas entre *mediascapes* e *ideoscapes* assumem então a forma de *loops* de constante tradução e retradução, em que as *ideoscapes* traduzem as *mediascapes*, que por sua vez procuram absorver e retraduzir as *ideoscapes*. As mediações de Barbero residem justamente entre estas duas paisagens, nas convenções contextuais de que fala Appadurai (1996), regulando seus processos constantes de circulação e re-produção de sentidos.

Dessa maneira, os meios de comunicação de massa perdem o poder absoluto que lhes havia sido concedido pelas teorias da comunicação, integrando-se a um circuito complexo de significação cultural que subverte a linearidade do processo de comunicação, tornando-o praticamente imprevisível. “(...) Estamos situando os meios no âmbito das mediações, isto é, num processo de transformação cultural que não se inicia nem surge através deles”. (BARBERO, 1997, p. 197)

Como em outros momentos de seu texto, Barbero critica aqui, implicitamente o posicionamento teórico de McLuhan, que dá aos meios de comunicação inédito destaque e protagonismo frente aos processos sensoriais e cognitivos humanos. Appadurai (1996), entretanto, voltará a valorizar o papel dos meios na construção das sensibilidades. “Essas convenções também envolvem a questão bem mais sutil de quais conjuntos de gêneros comunicativos são valorizados de que maneira (jornais *versus* cinema, por exemplo) e que tipos de convenções pragmáticas de gênero governam as leituras coletivas de diferentes tipos de texto”. (*Ibid.*, p. 36)

A formação das *ideoscapes* depende em grande parte de sua articulação com as *mediascapes* e com aquilo que Appadurai chama de “sinestesia globalmente variável” (*Id.*, *ibid.*, p. 37): “A própria relação da leitura com a audição e a visão pode variar de maneiras importantes que determinam a morfologia dessas diferentes *ideoscapes*, na medida que elas se conformam em diferentes contextos nacionais e transnacionais”. (*Id.*, *ibid.*, p. 37)

A sinestesia como parte do mecanismo das mediações concilia os pensamentos de Barbero e McLuhan, uma vez que nega tanto aos meios quanto às mediações a precedência nos processos comunicativos e de transformação cultural. O meio não veicula indiscriminadamente as mensagens, ao mesmo tempo que a mediação também não está desvinculada dos quadros sensoriais e perceptivos engendrados pelas

tecnologias da comunicação. Ambos horizontalizam-se como partes de um mesmo sistema vivo e complexo de influência e alimentação mútuas.

Considerações finais

Este trabalho representa uma tentativa de explorar alguns pontos de aproximação e contato entre três diferentes estudiosos da cultura e da comunicação: Barbero, McLuhan e Appadurai.

Separados, em primeiro lugar, por distintas filiações teóricas – e igualmente distintas contribuições resultantes de suas reflexões – além do pertencimento a diferentes contextos históricos, os autores confluem nos esforços de pensar as dinâmicas culturais contemporâneas no contexto de um mundo globalizado em todos os seus âmbitos. Seus aparatos conceituais são potencialmente convergentes, a partir da interpenetração inevitável que reconhecem e fomentam entre os campos da cultura e da comunicação, em especial a comunicação eletrônica de massa.

Além dos pontos de contato apresentados ao longo do artigo, destacamos como principal convergência entre as mediações de Barbero, os meios de McLuhan e as mediascapes de Appadurai a ressignificação dos meios de comunicação de massa como elementos intrínsecos à produção da cultura, do sentido e da cognição. Os meios deixam de ser os meros veículos de uma cultura alheia ou alienante, os instrumentos inexoráveis de um poder sistêmico e invisível, para se tornarem o local privilegiado da produção e reprodução cultural – principalmente, como nos demonstrou Barbero, da cultura popular - o lugar a partir do qual relativizar e pensar as sensibilidades e os modelos cognitivos, a principal arena de agência cultural das populações desterritorializadas e em constante fluxo pelo globo.

As intersecções entre os conceitos propostos pelos três autores cria uma perspectiva interessante para refletir sobre as imprecisas e mescladas zonas entre a cultura e a comunicação; uma perspectiva que, tendo superado as concepções instrumentais dos meios de comunicação, permite integrá-los horizontalmente ao sistema complexo das dinâmicas culturais, sem exacerbar-lhes o poder sobre estas, mas também sem negar-lhes a devida importância enquanto paisagens e ambientes tecno-culturais.

Referências

Livros

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization.** University of Minnesota Press, Minneapolis, 1996

BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico.** São Paulo: Editora Nacional. Editora da USP, 1972.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente.** Tradução de Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

Artigos online

HODGE, Gail, CARROL, Bonnie. **Digital electronic archiving: the state of the art and the state of the practice.** Consultado em: 26-04-05.
http://www.icsti.org/Dig_Archiving_Report_1999.pdf